

16



REDAÇÃO

Assinale a letra (A, B ou C) referente ao gênero textual escolhido: →

A B Independente do gênero
escolhido, o seu texto NÃO deve
ser assinado.TÍTULO: Bumcandos nos campos do Senhor

Absolutamente, num seus olhos de xaxaca e seus cabelos negros esvoacantes escondiam o seu íntimo sofrimento. Capitu esfregava-se ao muro buscando-o, como ela apoiava-se na cabeceira da cama dele permitindo, involuntariamente, as furtivas investidas do seu Senhor. O sextão secava-lhe a garganta, os olhos e o ventre. O filho que morreu verão passado fora enterrado, a mando do Senhor, entre as raízes da imensa figueira infestil. Tinha em constante estado de vazio, pois o Deus sem respostas tinha ido em boca. Pelo portigo de seu quarto, Senhor a seguia com os olhos e da sua boca saía injúrias e maldições. O fim dela estava nos campos do Senhor.

Os campos tocavam com seu mato atrofiado um horizonte em chamas. Com o tempo, o vento a deixaria louca, estava certa. Mas Ana Beuca não desistia de alguma esperar algum Cambaxá que a levaria consigo para as pradarias Centudo, o Senhor era pragmático: chegava, puxava-a pelos longos cabelos e aplicava na face de Aurelia repetidos golpes com os livros dos ciganos. Beuca sangrava e via seu feitor feliz e viril machucando sua madrinha e signada e silenciosa. Cibil tinha finalmente chegado e num sinal de Melquiades e seus ciganos. Os livros escondidos e ombaixo da cama guardavam o universo paralelo que ela sugava e se enchia de verossimilhança. O real e o imaginário se uniam em sua mente como os campos do Senhor, já usou de dos timidamente, a figueira inquisidora, seca em meio aos campos férteis.

Eis que, um dia, Melquiades e sua tropa chegaram. O negro machucado pelas viagens ao redor do mundo contou a ela que, na França longínqua, os homens colocaram livros numa máquina que, por sua vez, projetava-os numa imensa tela branca. Já em Macendo, Aureliano Buendia descobria um metal que achava tesouros enterrados. Assombada, ela pensou se o metal traria sua riqueza enterrada mais às raízes da figueira. Melquiades fez que não. Macabéa, agora, sorria feliz pelos novos livros trazidos, sorria por, de alguma forma, ter a certeza de que um dia seria, verdadeiramente, feliz.

Melquiades a pegou pelas mãos e a chamou para si. Queimavam

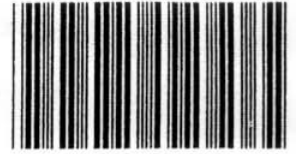


os campos e o Senhor. Eufúria consentiu. Melquiades e ela es-
condiam-se dentro do velho guarda-roupa armados de um pedaço
de corda e uma mordaga. Esperavam Senhor chegar cansado, ti-
rar seu paletó e suas rédeas e o prenderiam a costas dele, com a
ajuda da tropa, até a fogueira maldita. Cateariam fogo nele, seu
opressor e ela não precisaria se esconder, nunca mais, em fan-
tasias, nunca mais.

NÃO UTILIZAR ESTE ESPAÇO

NÃO UTILIZAR O VERSO DA FOLHA





FOLHA DE REDAÇÃO

Assinale sua opção: →

REPORTAGEM

CRÔNICA

CARTA DE LEITOR

Assine somente no espaço indicado, no rodapé desta folha, mesmo se você optar pela carta.

TÍTULO: As pessoas da sala de jantar.

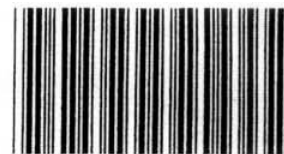
Lamento dizer que nunca invejei, sequer em um minuto, aquelas pessoas politicamente corretas, com cozinhas e salas de jantar impecáveis. Talvez porque instaure em mim um pânico de ver como elas, pessoas aprisionadas pelo medo da violência do mundo que as cercam, trancafiadas em seu jardim encantado cercado pelas xícaras e pires. Plantam coqueiros com o intuito de preservar o meio ambiente, andam de bicicleta protegidas pelos muros de um condomínio fechado. Talvez não por culpa própria, mas por temerem os males instaurados de forma tão natural por diversas meios.

A infância, provavelmente, é a fase crítica para a formação desse medo. A partir de inocentes contos, começamos a formar os conceitos de bem e mal; e desse mal buscamos fugir, por ser algo condenado por nossa sociedade. Já adquirimos o péssimo hábito de rotular atitudes e indivíduos, hábito que apenas se agrava com o tempo. Tratamos o bandido nas ruas como monstro e também como vítima do desigualitário sistema capitalista. E, então, deixamos esse problema de lado, isolando-nos do mundo externo, por puro medo.

Problemas como o aquecimento global não escapam do pânico moral. Por isso, forcei-me a lembrar da antiga propaganda de uma marca de creme dental. "Vamos salvar o mundo das cáries". Dito de forma simples e ingênua, pois retratava um grupo de crianças. Talvez essa frase me lembre as campanhas dos vários movimentos ecológicos acerca dos problemas ambientais. Evocam uma visão apocalíptica do futuro terreno, o que mexe com o maior medo de todos: a morte. E, com esse temor, busca amenizar

um problema onde será necessário não só mobilizar pequenos grupos sensíveis a esses acontecimentos, mas também nações inteiras. Não será plantando um coqueiro nos quintais de casa que se extinguirá com o efeito estufa.

Contrariamente ao imaginado, viver bem, pelos moldes a que somos submetidos, tornou-se sinônimo de isolamento e preocupação. Ser um indivíduo que age corretamente, mesmo que isso possa gerar males que nem sempre vêm pra melhor, é a meta a ser alcançada por todos nós, mesmo que inconscientemente. Não adianta temer ser como as pessoas de salas de jantar impecáveis, uma vez que seguimos para o mesmo caminho. Teremos mesmo que seguirmos como garrafas rotuladas? Pelos ensinamentos de Humpty Dumpty no livro "Alice no País das Maravilhas", de Lewis Carroll, "aquele que acredita em rótulos, no mais das vezes se engana". Mas, se estão ali devem ter algum valor. E viver rotulando e temendo-os possa ser um importante passo para o progresso.



FOLHA DE REDAÇÃO

Assinale sua opção: →

REPORTAGEM

CRÔNICA

CARTA DE LEITOR

Assine somente no espaço indicado, no rodapé desta folha, mesmo se você optar pela carta.

TÍTULO: Uma perda de ajuda ao mundo.

A sociedade passa por um momento difícil, sofrendo no entanto por várias razões, e sendo encontradas poucas soluções e menos e ainda essas sendo aplicadas mundialmente, para obter-se uma armonização da situação. Toda a sociedade passa então a ter como o meio de um acontecimento fim mundial, pelo fato dos mitos e acontecimentos globais de atimamente, entre outras ocasiões.

Apesar do medo ser uma característica fundamental e necessária ao ser humano, de fato sendo o controlador de suas ações, o mundo globalizado tenta implantar na sociedade um ideal chamado pânico moral, que tem por finalidade lutar por ideais de imediatas mudanças no mundo, ou até mesmo o controle do medo social perante a situação através da mídia em geral.

Por motivo de muitos acontecimentos incoerentes ao mundo estão sem acontecendo, o pânico moral vive frequentemente uma discursão no intuito de amenizar as condições socio-mundial com estratégias imediatas, que possam de modo contrapor os acontecimentos que trazem o medo prejudicial e imobilizador para com a sociedade.

No entanto mesmo pela particularidade de muitos sociólogos e relações sociais não aceitam as estratégias morais, por serem consideradas barbáricas por eles, elas vieram de fato à ajudar em ocasiões imediatas a controlar e limitar as divergências acerca da sociedade

SE NECESSÁRIO, USE O VERSO

FOLHA DE REDAÇÃO

Assinale sua opção: →



CONTO FANTÁSTICO



CARTA DE RECLAMAÇÃO



MANIFESTO

Assine somente no espaço indicado, no rodapé desta folha, mesmo se você optar pela carta.

TÍTULO:

Loda

Meus sentimentos de tédio eram abrandados quando eu chegava em casa, tirava o lençol e sentava-me em frente ao computador para atualizar o blog, investigar a vida alheia no Orkut e conversar atrás de uma máscara meio sem graça com meus amigos reais, porém distantes, via MSN. Mas numa madrugada qualquer de pura monotonia li sobre o Second life e resolvi pesquisar e aderir ao novo software.

Um mundo novo? Então vai uma pessoa nova! Demorei algum tempo para criar um avatar perfeito: Loda, meça de vinte anos, cabelos vermelhos, seios fartos, cintura fina e meio pervertida. Entrei na outra dimensão assim, abri meus virtuais olhos verdes e vi um mundo lauto diante de mim. Logo aprendi a ser Loda e saí da maternidade. Fiz amor com um médico local. Tive que ir dormir na realidade.

No dia seguinte lá estava eu, Loda, desfilando de mini-saia na boate e seduzindo homens. Meu sorriso era malicioso, meus movimentos eram sensuais, eu era a nineta que todos queriam. Virei amiga de Ron, um surfista; Ágatha, a mística e Benjamin, um homossexual tequilero. Saí da balada e, na vida real, fui ao barbeiro. Tive a barba, como de costume. Olhei para as minhas pernas e senti Loda com vergonha de tantos pêlos. Depilou tudo, inclusive o peito e as axilas. Loda foi dormir, mulher.

Tu e Ron fomos para a praia. Ele estava lindo de sunga preta e eu uma sereia depilada de biquine verde. Tomamos um drink e seguimos para a casa dele. Mais bebidas e começaram os elogios. Ron amava meus seios, adorava minha cintura e idolatrava meus cabelos. Fizemos amor muitas vezes e só paramos porque Ágatha chegou para

preparar a nova seita que ela criara, uma coisa louca: "O museu é o caminho mais curto para o paraíso."

Passi meses vivendo com meu namorado, Ren, mas sem deixar de ser a rufeta de outras mulheres daquela realidade. Cada dia mais linda, cada dia mais magra, meus cabelos cada vez mais longos e avermelhados. Minha esposa abandonou-me por de um belo par de tetas amancheceu em meu corpo, invejosa. Parei de usar ternos e demiti-me daquela empresa chata de imóveis. Passei a ganhar a vida fazendo bijuterias na praia, ao lado de Ren.

Um dia, incerto a companhia da minha casa soou, fui atender e ali estava materializado o louco de Benjamin:

— Anda linda, chama o Ren que hoje é a grande inauguração do templo da Ágatha!

Olhei para trás e meus mórtes da Second Loife haviam substituído a mo-bília que eu comprara com meu dinheiro real de corretor. Girei suavemen-te em torno do meu quadril:

— Já viu, Benjamin!

Dixe eu com uma voz fina e sexy.

5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE SELEÇÃO
PROCESSO SELETIVO 2010-1



FOLHA DE REDAÇÃO

Assinale sua opção: →

REPORTAGEM

CRÔNICA

CARTA DE LEITOR

Assine somente no espaço indicado, no rodapé desta folha, mesmo se você optar pela carta.

TÍTULO: O que você faria se só lhe restasse um dia?

"Meu amor, o que você faria? Se o mundo fosse acabar, me diz o que você faria?" Assim se inicia a música "O fim do mundo", do carioca Paulinho Moska. Nela, o compositor discute as possíveis atitudes das pessoas comuns frente a notícia da chegada da data do fim do mundo. Sob o desconforto e o efeito da ideia da aproximação do fim da existência humana, a maioria se entregaria a ações que antes, em tempos normais, jamais teria coragem de fazer, como andar pelado na rua ou saltar os loucos do hospício. O fato é que notícias como essas sempre provocam reações nas pessoas e surge mais um momento para a análise dessas reações. É que especialistas em diversas partes do mundo afirmam que a data final do planeta será em 21 de dezembro de 2012, daqui há exatos ~~dois~~ três anos, como publicado uma semana nesse mesmo jornal. Segundo a reportagem, vários textos tradicionais utilizados em previsões, como a Bíblia e a obra de Nostradamus, convergem de alguma maneira para a fatal data mencionada.

O ano de 2012 viria acompanhado de uma "nova conjunção astrológica do sol com outras estrelas da via láctea, o que traria um enorme desequilíbrio energético à terra", explica a astróloga local Madame Helosa, que publicou recentemente um livro sobre o assunto. Quanto às consequências dessa conjunção, a astróloga afirma que estudos mais profundos ainda estão em curso, mas adianta que diversas catástrofes naturais, como avalanches, terremotos e inundações estão previstas para esta data.

Para os cientistas, nenhuma tragédia foi ainda prevista para o fim de 2012. Segundo o chefe do Centro de Estudos do Clima da Universidade local, professor Afanásio Barbosa, a única tragédia que se avizinha é o aquecimento do planeta em decorrência da própria ação do homem. "Mas o

— SE NECESSÁRIO, USE O VERSO —

fim do mundo não ocorrerá tão cedo por causa do aquecimento global", garantiu o professor. "Não há motivos para pânico. Em 2012, logo todos juntos vamos comemorar o Natal", complementa.

Fora da discussão dos especialistas, a maioria da população vê com desconfiança e descrença o relato da aproximação do fim do mundo. Contudo, todos os cidadãos comuns adivinhados pela reportagem foram unânimes em dizer que não vão ficar atentos às notícias sobre o último dia, observar as mudanças quando a fatídica data chegar. Vale aqui a máxima: "No creu en las brujas, pero que hay, hay".

Interessantemente, não houve registro de conexão ou sentimento de pânico social como observado em situações semelhantes no passado. Em 2000, o chamado "bug do milênio", a incapacidade dos mil computadores em trocar os dígitos da data (99 para 00), criou uma onda de suposições que davam conta do colapso dos serviços, culminando no fim do planeta, em decorrência da inoperância da informática. Nada se concretizou, mas na época esse episódio chegou a se registrar episódios coletivos dados o temor do fim do mundo.

No livro de Madame de La Fayette, o fim do mundo é descrito como um momento de sublime passagem, de elevação espiritual. Não se sabe ao certo como morrer rotulado ou afogado tem algo de sublime, mas parece-se que vários autores têm lançado livros com temática semelhante, na clara tentativa de provar da onda publicitária gerada pela notícia.

Quanto à pergunta que abriu a reportagem, o resposta mais sensata por nós apurada veio de um senhor de Brasília chamado Natalício Segura: "já vi as várias vezes promessas de fim de mundo, nenhuma aconteceu. Quando no dia que dizem ser o último, não vou mudar nada na minha rotina. Se o mundo acabar, vou na certeza que fiz tudo o que devia". Com esta mesma certeza, garantimos que no dia 21 de dezembro de 2012 será publicada a edição normal deste jornal.